

**MARÍLIA MENEZES**

**QUANDO OS CEGOS VEEM**  
(Baseado em fatos)

**1978**

## **QUANDO OS CEGOS VEEM**

### **PERSONAGENS:**

**Dr. RUI** – Diretor do Asilo de Velhos, seco ríspido, amante e escravo da lei e da ordem.

**LÚCIA** – Assistente Social do Asilo, jovem inteligente e afável.

**LUCAS** – Personagem principal. Cego, tocador de violão e cantador. Homem de 50 anos, fisionomia ardente e sofredora. Meio alquebrado, mas de porte e rosto altivo; óculos escuros.

**JULINHO** – Seu filho, menino de 10 anos, vivo, leva o pai pela mão.

**HILDEBRANDO** – Contínuo do Asilo, teme o Dr. Rui.

**PREFEITO E AUTORIDADES** – (Doutores Helson, Tavares e Rubens).

**JOAQUIM** – Enfermeiro.

**VÁRIOS PASSANTES**

**04 POLICIAIS**

## **CENÁRIO**

É dividido em duas partes: **LADO A** e **LADO B**

No lado A, sala com uma placa: **ASILO DE VELHOS**. No lado B: rua movimentada de bairro comercial.

Na sala do asilo há escrivaninha e cadeiras. Do lado da rua, portas de casas de comércio. Para significar mudanças de quadro, devem-se apagar as luzes de um lado e acender de outro. A música de fundo deve ser gravação de música nordestina, tocadas ao violão pelo cego Lucas, enquanto o menino tem uma lata apropriada que serve de maracá, onde faz o acompanhamento. A voz de Lucas é de nordestino, com as inflexões e sotaque característicos.

## I QUADRO

*(Á frente do pano de boca há uma mesa, tendo em volta 4 cadeiras. Sentado a ela, um homem de paletó e gravata, solene. É o Prefeito da cidade).*

**PREFEITO** – Cargo espinhoso o meu. Mil tarefas, mil coisas a resolver. Mil problemas em que pensar, mil pessoas com quem falar cada dia... Cansaço, cansaço... Esta cidade me dá muito o que fazer. Quando poderei tirar férias? Estou cansado... *(Olha o relógio)* E ainda tenho uma reunião agora. Eles devem estar esperando. Vou mandá-los entrar. *(Vai à porta e volta com 3 senhores bem vestidos. Apertam-se as mãos).* Sentem-se amigos *(Todos sentam-se)*.

**DR. HELSON** – Sim, Sr. Prefeito. O senhor convocou-nos para uma reunião. Em que podemos ajudá-lo?

**PREFEITO** – O assunto de hoje é a limpeza pública. Nossa cidade está crescendo, e os problemas da ordem e da limpeza estão aumentando.

**DR. HELSON** – Aumentando cada dia. Tarefa gigantesca...

**PREFEITO** – Gigantesca, mas que temos de enfrentar. Sei que os senhores, cada um em seu setor, trabalham muito, mas temos de pôr em ação novos métodos. Dr. Helson, o que me diz você?

**DR. HELSON** – De fato, a cidade está suja, mas não tenho tido descanso. Como já lhe falei na última reunião, caminhões suplementares deverão chegar em breve para ajudar na coleta de lixo.

**DR. RUBENS** – Esse problema do lixo é tremendo. Li nos jornais que em uma grande cidade da Europa havia toneladas e toneladas de lixo, esperando ser cremadas, porque o forno crematório não estava operando.

**PREFEITO** – Nossa cidade ainda é pequena, está longe de ser uma grande cidade da Europa, mas os problemas crescem cada dia.

**DR. RUBENS** – Quanto ao pessoal da limpeza, mandei recrutar novos elementos. Nosso povo ainda é muito ignorante. As ruas vivem cheias de papéis, de cascas de frutas, de pontas de cigarro...

**PREFEITO** – E você, Dr. Tavares? Está tão calado... Ainda não falou nada...

**DR. TAVARES** – Desculpe, Sr. Prefeito, mas enquanto as ideias giravam em torno do lixo material, eu pensava numa outra espécie de miséria e sujeira que há nas nossas ruas, aumentando cada dia.

**PREFEITO** – Já sei onde você quer chegar.

**Dr. TAVARES** – Sim, o senhor já sabe. É nos mendigos desta cidade. *(Aborrecido)* – Nessa multidão de pedintes, que vivem expondo aos olhos de todas suas mazelas, seus achaques.

**DR. HELSON** – Que às vezes são falsos.

**DR. TAVARES** – Muitas vezes. A mendicância em nossa cidade está uma verdadeira indústria.

**DR. RUBENS** – Você tem razão. E pensem em outro prisma da questão. Esses pedintes dificultam o comércio, obstruem o trânsito. (*Ênfase*) – Esta cidade cresce, se enche de gente de fora, sempre visitada por turistas, e nós a ostentar diante deles as misérias dos mendigos. Nas cidades da Europa e dos Estados Unidos não se veem essas coisas. Eu quando estive...

**PREFEITO** – (*meio nervoso, interrompe-o*) – Dr. Rubens, por favor, deixemos o estrangeiro. (*Pausa*) Então o que sugerem?

**DR. HELSON** – O senhor poderia baixar uma Portaria, proibindo qualquer pedinte nas ruas.

**DR. TAVARES** – Portaria rigorosa, sob pena de prisão.

**DR. RUBENS** – Concordo com vocês. É preciso tomar medidas drásticas.

**PREFEITO** – E aí? Onde vou pô-los? Não podemos baixar uma Portaria assim, sem eles terem para onde ir.

**DR. TAVARES** – Temos aí o Asilo de Velhos, o Internato de Menores, os leitos de indigentes nos Hospitais.

**PREFEITO** – Então, deverei pedir a cooperação dessas entidades para a nossa campanha. (*Pausa*) – Sim, amigos, vocês têm razão. Este é um grande problema desta cidade. Oficiarei logo aos Diretores dessas entidades, pedindo, exigindo a colaboração de todos. Sozinho, nada poderei fazer. Cada um terá que se sentir responsável por essa tarefa.

**DR. HELSON** – Sim, Sr. Prefeito. Boa ideia. O senhor diz que conta com todos para a limpeza e ordem de nossa cidade. Torna essa campanha um projeto municipal. Desperta-lhes o interesse, mostrando a necessidade de termos uma cidade limpa e bonita.

**PREFEITO** – Isso mesmo. Vou tratar disso. (*Entra um servente e serve café. Todos se movem confortavelmente nas cadeiras, sorvendo, com prazer, o café. Só no fim, o Prefeito fala*). – Bem, meus amigos, já falamos demais nesse assunto. Passemos aos outros....

(*Luzes se apagam*)

## II QUADRO

*(Luzes se acendem no lado B. O cego Lucas toca violão, sentado à porta de uma loja. A música que canta é “Procurando tu”, tocada com muita expressão. Pequena aglomeração o cerca, enquanto alguns param, ouvindo-o; depois vão embora. Alguns se abaixam e põem dinheiro (em moedas), fazendo barulho, numa lata junto ao cego. Uns passantes animados, começam a dançar. Outros assobiam a melodia, enquanto se retiram. Após certo tempo, apagam-se as luzes).*

## III QUADRO

*(Luzes do lado A. À escrivaninha está sentado, de paletó e gravata, o Dr. Rui).*

**LUCAS** *(Parado à porta) – Com licença, Diretor.*

**RUI** *(Com voz seca) – Pode. (Não o cumprimenta) Sente-se.*

**LUCAS** *(Entra pela mão do filho. Bate com a bengala nas cadeiras, procurando uma. O menino ajuda-o a sentar-se. Lucas tira o chapéu e fica sustentando o violão na mão)*  
– Diretor, posso saber por que mandou me chamar?

**RUI** – *(Procurando falar com bondade, mas a voz soa falsa)* – Sim. Você deve saber que há uma ordem do Prefeito para retirar os mendigos das ruas desta cidade, não sabe?

**LUCAS** – Ouvi dizer.

**RUI** – Pois foi por isso que mandei chamá-lo.

**LUCAS** – Mas eu não sou mendigo, Diretor. Sou um músico.

**RUI** *(Ri com ironia)* – Você pode se considerar músico, mas o povo o considera um mendigo. Você vive parado no comércio, pedindo esmolas.

**LUCAS** *(Com altivez)* – Eu não peço esmola. Eu toco e os que passam me dão alguma coisa pela minha música. Eu...

**RUI** *(Corta -lhe a palavra)* – Escute. Chamei-o para lhe dizer que terá de vir morar aqui no Asilo. Aqui você terá uma vida mais sossegada. Terá comida e tudo o mais fornecido pelo Governo, e terá a companhia dos outros velhos.

**LUCAS** *(Voz angustiada)* – Diretor, me desculpe, mas eu não sou velho. Eu só tenho cinquenta anos. Eu não quero vir pro Asilo de Velhos. Eu sou viúvo e o que eu ganho dá pra mim e pra ele. E ele já trabalha também.

**RUI** *(Controlando-se, respira profundamente)* – Está bem. Vamos dizer que você não é velho. Mas me desculpe lhe dizer também – você é um homem inválido – é um cego.

**LUCAS** *(Com irritação mal disfarçada)* – Diretor, o senhor me ofende. Sou cego, mas não sou inválido. Sou nordestino forte. Só tive a desgraça de ficar cego. Aliás, *(levanta a cabeça ao céu)* não digo desgraça, porque tudo o que Deus faz é bom. Pois eu lhe

digo, Diretor: sou cego, mas não sou um inutilizado. Sou músico: posso passar a vida tocando. *(Com força)* E vou lhe dizer: não sou nem velho, nem inutilizado. E, com os poderes de Deus, sou até um homem feliz!

**RUI** *(Move-se na cadeira, impaciente. Depois levanta-se, anda de um lado para o outro e vem sentar-se numa cadeira perto de cego, falando com mais bondade)* – Bem, mudando de assunto, você não tem família?

**LUCAS** – Tenho este menino, meu filho Julinho. Ele tem 10 anos. Meu filho, diga o seu nome para o Diretor.

**JULINHO** – Júlio da Conceição Aguiar, seu criado.

**LUCAS** – Este menino é a minha família, Diretor. Minha mulher morreu faz uns 5 anos, e fiquei só mais este menino. Ele é o que eu tenho no mundo.

**RUI** – Então, veja bem. Eis outro mal. Você não pode viver pelas ruas com essa criança.

**LUCAS** – Eu não vivo pelas ruas, Diretor. Depois que eu termino meu trabalho, eu vou pra casa.

**RUI** – E você tem casa?

**LUCAS** – Tenho um quartinho onde uma senhora deixa eu dormir, mais o menino.

**RUI** – E o menino? Que escola frequenta?

**LUCAS** – Ele não arranjou vaga no Grupo. Quer dizer... *(pausa, refletindo)* Quando eu fui matricular ele, não tinha mais vaga.

**RUI** – Compreendo. *(Irritando-se)* Ora veja, meu senhor, não é direito estar expondo essa criança à ignorância, aumentando os milhões de analfabetos deste país, sobretudo agora que se luta ainda mais para acabar com esse mal. *(Enfático)* – Escute bem o que vou lhe dizer: o senhor terá que morar, de agora em diante, neste asilo. E o menino será recolhido a um internato.

**JULINHO** *(Levanta-se, agoniado)* – Não. Eu não quero me separar do papai. *(Agarra a mão do pai, que o faz sentar novamente, com brandura)*.

**RUI** – Você não vai se separar de seu pai. Você vai se educar, aprender um ofício, ser gente. Vai deixar de ser guia de cego.

**JULINHO** *(com tom de desafio)* – Eu gosto de ser guia de cego!

**RUI** – Menino, você é malcriado. Veja, senhor, como seu filho responde às autoridades. É isto o que ele está aprendendo na rua?

**LUCAS** – Meu filho é um bom menino.

**RUI** – Respondendo-me desse modo? (*Levanta-se, respira fundo e anda um pouco, procurando controlar-se*). – Bem, se seu filho é bom, ainda vai tornar-se melhor no Internato. Ouça já falamos demais. A Prefeitura não permite mais que menores continuem vagabundeando pelas ruas. Seu filho vai estudar, se educar. É para o bem dele.

**LUCAS** – E quando é que eu vejo o meu filho?

**RUI** (*Espantado*) – Ver? Ver como? (*Pausa, disfarçando*) Bem... O senhor verá seu filho aos domingos. Ele virá passar todos os domingos com o senhor aqui no asilo. Estão entendendo? (*Os dois continuam imóveis*) – Bem, já conversei demais. Tenho ainda muitos outros casos a tratar. Lucas o seu caso, então, está encerrado. O carro do asilo irá com o senhor para buscar suas coisas e as do menino.

De hoje em diante, o senhor vai morar conosco (*Lucas passa o braço em volta do filho – os dois abaixam a cabeça*). – Vocês não têm por que ficar tristes.

**LUCAS** – E a minha música, Diretor?

**RUI** – Você tocará para os seus companheiros. Terá uma boa assistência. Até eu haverei de escutar o senhor. Ande, vamos, anime-se. O senhor verá que é melhor do que pensa. Tudo é para seu bem (*Bate a campainha. Entra um rapaz*) – Hildebrando, diga ao motorista que leve este senhor e o menino ao quarto onde moram. Eles vão trazer as coisas deles para cá. (*A Lucas*) – Lucas, pode ir com o rapaz. (*O cego sai pela mão do filho*).

**RUI** (*Respira fundo*) – Que missão espinhosa! O velho não quer ficar internado nem por força. Quer viver na vagabundagem com o filho, esmolando. Mas o Prefeito quer a cidade limpa, e com toda a razão. (*Anda, depois para e fala enfaticamente*) – Nada de pedintes, de mendigos, de cegos pelas ruas. Chegam os turistas e veem a cidade infestada de parasitas. O Prefeito tem toda a razão. Temos de mostrar que já somos uma sociedade desenvolvida.

(*Luzes se apagam*)

#### IV QUADRO

(*Luzes se acendem no lado A. Entra uma jovem de seus 25 anos, vestida com uma espécie de uniforme. Fala com impaciência*).

**LÚCIA** – Ora esta, o cego Lucas fugiu do asilo! E o Dr. Rui me manda tratar do caso, porque não têm mais paciência. Tem medo de se exceder. Ora esta, depois de uma semana, o cego foge! Para onde, e como, cego como é? Bem, vou chamar o enfermeiro. (*Bate a campainha e surge o contínuo*) – Hildebrando, chame o Joaquim, por favor.

**JOAQUIM** (*uniformizado de enfermeiro, entra*) – Bom dia, dona Lúcia.

**LÚCIA** – Bom dia, Joaquim. Sente-se. Olhe, o que você achou do Lucas?

**JOAQUIM** – Ah, o cego? O que fugiu? Achei que era um homem teimoso, emperrado que só ele! Na semana em que esteve aqui, quase não comeu. Os outros lhe pediram que

tocasse umas músicas, e nada! (*Põe força na palavra nada*) Puxaram conversa com ele, e nada. O Diretor tentou falar com ele, e nada! Eu perguntei se ele estava doente e nada!

**LÚCIA** – O caso é sério! Preciso falar com ele. O Dr. Rui não devia ter mandado internar esse homem sem eu antes falar com ele. Para que serve, afinal, eu ser Assistente Social deste Asilo? (*Pausa*). É isto! Uma semana em que eu não venho trabalhar por estar doente, e o Dr. Rui admite gente sem me dizer.

**JOAQUIM** – Dona Lúcia, me desculpe, mas ouvi o Dr. Rui dizer que preferia mesmo tratar do caso pessoalmente. Que o serviço de Assistência Social era cheio de sentimentalismo.

**LÚCIA** – É, eu sei que é isso que ele pensa de mim. (*Irritando-se*) – Mas mesmo assim, me pede para tratar do caso, depois que o caldo está entornado! Se eu não me considerasse uma verdadeira Assistente Social, por vocação mesmo, eu diria ao Dr. Rui que ele continuasse a lidar com o caso. (*Controla-se, depois de uma pausa*) – Bem, Joaquim onde você acha que o Lucas pode estar?

**JOAQUIM** – O motorista foi lá ao quarto onde ele morava, e nada. Nem souberam dar informação alguma.

**LÚCIA** (*Reflete*) – Já tenho uma ideia. Olhe, eu vou sair. Se o Dr. Rui chegar, diga-lhe que saí a serviço.

**JOAQUIM** – Pode ir descansada. (*Lúcia sai com Joaquim. Luzes se apagam*).

## V QUADRO

(*Ouve-se a música “Mandacaru...” Luzes se acendem no lado B, mostrando várias pessoas rodeando alguém. Outros vão passando... O movimento não deve, contudo, perturbar a impressão que a cena causa*).

**LÚCIA** (*chamando um passante*) – Que movimento é esse? É algum marreteiro?

**PASSANTE** – Não. É aquele cego que faz ponto aqui. Não vê? (*Lúcia se espicha, mas não o vê*) – Pois é ele que está tocando. Ainda não tinha ouvido?

**LÚCIA** (*vem mais à frente da cena com o passante*) – Já, mas não tinha reparado. Você gosta da música?

**PASSANTE** – Gosto muito. E o ceguinho toca bem. Mas com licença, já vou pro trabalho (*Sai, assobiando Mandacaru*).

**LÚCIA** – Obrigada. (*Chama outro passante*) Quem é esse tocador?

**2º PASSANTE** – É o cego Lucas. Dizem que ele fugiu do Asilo de Velhos. Que só volta pra lá se for morto.

**LÚCIA** – O senhor gosta desse tipo de música?



**2° PASSANTE** – Imensamente. Muito simples, mas toca o coração da gente. A senhora parece que gosta muito de música.

**LÚCIA** – Gosto muito.

**2° PASSANTE** – Esse ceguinho toca o dia inteiro. Sabe, é melhor do que ficar só pedindo esmola, a senhora não acha? (*Lúcia afirma com a cabeça. Ficam ouvindo em silêncio. O cego termina “Mandacaru”. Os espectadores batem palmas. Uns dizem: “Mais!Mais!” Lúcia chega mais perto. O passante que conversava com ela segue seu caminho. Abre-se um claro e aparece o cego com o filho, sentados à porta de uma loja.*)

**LUCAS** (*alto*) – Agora eu vou tocar “Paraíba mulher macho”, me lembrando da minha terra que agora está na seca. (*Várias pessoas batem palmas, depois todos ouvem em silêncio. Lúcia chega mais perto para ouvir. Alguns fazem observações ao que está perto. Outros jogam moedas na lata e vão embora. O menino agradece de vez em quando. A cena impressiona. Luzes se apagam, enquanto a música fica ressoando baixinho.*)

## VI QUADRO

(*Luzes no lado A. À mesa, Doutor Rui. Sentada, meio distante, Lúcia.*)

**RUI** – Então, Lúcia, como é que vai me ajudar a resolver o caso do cego?

**LÚCIA** – Doutor Rui, francamente não sei. Sei que o senhor me acha sentimental, mas a verdade é que fiquei comovida hoje, ao ver o ceguinho tocar.

**RUI** (*com riso sarcástico*) – Quer dizer que você foi ver o cego. Eu sabia. E já sabe então que ele está desobedecendo às nossas ordens?

**LÚCIA** – Sei. Fui lá ao ponto onde ele toca. O ceguinho estava tocando com a maior alegria e entusiasmo.

**RUI** (*com ironia*) – E você ficou lá, aplaudindo o cego...

**LÚCIA** – Fiquei, Dr. Rui. E não me arrependi. Senti a felicidade dele, tocando aquelas canções nordestinas tão simples, tão brasileiras, com tanta beleza e expressão. Fez bem à minha alma, sabe? (*Pausa*) E havia muita gente ouvindo o ceguinho tocar. Ele é realmente um homem impressionante. Senti um abalo profundo. O ceguinho tem alma de músico...

**RUI** (*fazendo troça*) – Músico? Músico! Se ninguém entende nada daquela arenga horrorosa! Você entendeu? (*Ri-se*).

**LÚCIA** (*muito calma*) – Dr. Rui, pode ser que o senhor, com toda a sua cultura, não entenda a música desse homem, mas o povo entende. Já viu como o povo o cerca e aplaude? Já foi ao lugar onde ele toca?

**RUI** – Não fui e nem quero ir.

**LÚCIA** (*com leve ironia*) – De fato, o senhor é tão ocupado na Administração do Asilo...

**RUI** (*compreendendo a ironia, interrompe-a*) – Ainda bem que você reconhece.

**LÚCIA** (*continua a frase*) – ...Que não tem tempo de andar despreocupadamente pelas ruas, sentindo a alma popular.

**RUI** – Admiro-me de que você esteja protegendo um homem que está subvertendo a ordem ...

**LÚCIA** – Subvertendo a ordem? Que subversão da ordem aquele pobre homem está fazendo, Dr. Rui? Ora, pelo amor de Deus... (*irônica*) Dr. Rui...

**RUI** (*interrompe-a, levantando-se irado*) – Olhe, Lúcia. Estou farto deste caso. Tenho que cumprir ordens. Você falou com o homem?

**LÚCIA** – Não. Não falei. Só vi, escutei e me informei dos outros.

**RUI** – Pois peço-lhe, por favor, que vá falar com ele. É para o bem desse homem. Se você quer ajudá-lo, veja se o convence, pois se não quiser voltar por bem, para o asilo, pedirei à polícia que vá busca-lo.

(*Luzes se apagam*)

## VII QUADRO

(*Luzes no lado B. Ouve-se um trecho de “Menina...”, que aos poucos, vai parando. Só estão Lucas e o filho; o movimento da rua já cessou. Anoitece.*)

**LUCAS** (*a Julinho*) – Meu filho, já está anoitecendo. Que horas serão?

**JULINHO** – Papai, são quase seis e meia. Vamos embora.

**LUCAS** – Meu filho, quanto fizemos hoje?

**JULINHO** – Dez cruzeiros, papai. Passou um homem louro parecia um americano. Ele parou gostando da música. Foi ele que deu mais.

**LUCAS** (*levanta e caminha até a frente da cena. O filho o segue*) – Meu filho, será que o diretor do asilo vai mandar apanhar a gente de novo?

**JULINHO** – Não sei papai. Estou com medo. E estou com medo também de me botarem na cadeia porque fugi do internato. Estou com medo papai...

**LUCAS** (*Com altivez, põe a mão no ombro do filho*) – Você não deve ter medo de nada, Julinho. Você é um homem Só se tem medo de Deus, meu filho, e ninguém mais. Aprenda isso pra toda sua vida.

**LÚCIA** (*Vem chegando*) – Boa noite!

**JULINHO** – Olhe, papai, lá vem uma moça. Parece que ela vem falar conosco.

**LUCAS** (*Voltando-se na direção dos passos*) – Que será que ela quer?

**LÚCIA** – Boa noite, seu Lucas e Julinho. (*Dá-lhes a mão*) Já pararam por hoje?

**LUCAS** (*Surpreso*) – A senhora sabe o nome da gente?

**LÚCIA** – Sei, sim. Vocês são muito famosos.

**LUCAS** – Obrigado, moça. Como é o seu nome?

**LÚCIA** – Lúcia. (*Faz uma pausa*). Seu Lucas, vejo que já guardou seus apetrechos. Já vai para casa? – Não podemos conversar um pouquinho antes de ir embora? É que gosto muito de música.

**LUCAS** – Mas que honra, meu Deus! Mas, era melhor em casa, que eu tenho uns banquinhos!

**LÚCIA** – Não se preocupe. Está bom aqui mesmo. Vamos sentar neste batente de porta. (*Sentam-se*). O senhor gosta muito de tocar?

**LUCAS** – Gosto muito. Eu toco desde os sete anos. Antes de eu ficar cego, eu tocava por divertimento, só. Quando eu tinha a idade do Julinho, quer dizer, uns dez anos, peguei um sarampão brabo – outros dizem que era uma tal de rubéola – que me cegou todo. Então fiquei tocando por necessidade. Mas eu sempre gostei muito de música. Acho que mesmo se eu tirasse na loteria, ainda tocava.

**LÚCIA** – Pode-se ver. Seu rosto fica até diferente quando o senhor toca. E parece que a música penetra no coração da gente.

**LUCAS** – Dona Lúcia... (*Hesita, faz uma pausa, depois fala*) Olhe. A senhora está me parecendo tão boa. A senhora não conhece um tal de Dr. Rui, do Asilo e Velhos?

**LÚCIA** – Já ouvi falar dele.

**LUCAS** – Pois olhe! Ele quer que eu vá interno pra lá. Quer me pôr no Asilo de Velhos! Diz que eu sou velho e inutilizado.

**LÚCIA** – Imagino! Mas por que ele diz isso?

**LUCAS** – Ele quer limpar as ruas, tirando os mendigos. Diz que ele tem ordem da Prefeitura. (*Pausa*) Mas é que eu não sou mendigo, como expliquei pra ele. Nem eu, nem o meu filho. E eu não vou pro asilo.

**LÚCIA** – Quem sabe não seria bom o senhor ir para experimentar?

**LUCAS** – Ele já mandou me buscar. Passei lá uma semana, mas não aguentei. Fugi.

**LÚCIA** – Fugiu? Por quê? Não trataram bem?

**LUCAS** – Até que eles me trataram bem. Tinha comida e roupa, mas não tinha liberdade. Olhe, dona, eu gosto de estar na rua, ouvindo este movimento de povo! Gosto do sol e da chuva, gosto de ouvir o povo me rodear e pedir pra tocar. Eu já estou acostumado nesta vida. Não volto pro asilo, pra ficar lá engaiolado. Só se me matarem (*Com emoção*) – Dona Lúcia, a senhora não pode ir lá no Asilo pra mim, falar com esse Diretor, pedindo pra me deixar em paz?

**LUCIA** – Vou ver o que faço. Sossegue (*Pausa*). E você, menino, como é seu nome inteiro?

**JULINHO** – Júlio da Conceição Aguiar, seu criado.

**LÚCIA** – Obrigada. E você não estuda?

**JULINHO** – Eu quis estudar no Grupo, mas não arranjei vaga.

**LUCAS** – Pois olhe, dona Lúcia. Não é que quiseram também me separar do meu filho? Eu só tenho ele no mundo. A gente não se acostuma mais separado. O pobrezinho nem tem mãe que morreu faz uns cinco anos. Eu é que estou criando ele. Ele é um menino bom, e não é por ser meu filho, mas é um menino bom que dá gosto. Pois quiseram colocar ele no internato pra estudar. Mas ele fugiu pra ficar comigo.

**JULINHO** (*achando graça*) – Pulei um muro bem alto, quase três metros. Quase quebrei uma perna, mas vim ficar com papai.

**LUCAS** – Ele é meu companheiro, é quem balança o maracá; não vê? (*Julinho balança o maracá*) Êta músico arreliado! (*Riem todos – Lucas faz um agrado na cabeça do filho*). Vai ser músico que nem o pai! Mas eu quero que ele estude as letras. Já sabe ler e contar, mas eu quero que ele se adiante. A senhora não pode arranjar uma vaga pra ele no Grupo?

**LÚCIA** (*Cada vez mais comovida, disfarça, virando a cabeça para Julinho não ver*) – Eu vou ver o que faço. Depois lhe digo.

**LUCAS** – Olhe, dona Lúcia a senhora tem tanta paciência de ouvir a gente. Vamos tocar, meu filho, uma valsinha para ela? É nossa despedida para a senhora. Vamos tocar aquela, meu filho, que ela vai gostar. Dona Lúcia, fui eu que imaginei mesmo essa valsa. Se chama: “Olhos de mulher”. Só eu não botei as palavras.

**LÚCIA** – Sim, toque. (*A valsa é comovente e Lúcia enxuga uma lágrima. Após algum tempo, as luzes se apagam*).

## VIII QUADRO

(*Luzes no lado A. Rui interroga Hildebrando com aspereza*)

**RUI** – Então, Hildebrando, minhas ordens foram cumpridas?

**HILDEBRADO** – Ah, doutor, senhor nem sabe. Quando eu mais o Afonso e o José fomos lá para trazer o velho, estavam uns turistas gravando umas músicas dele. Parece

que estavam gostando, porque no fim deram umas cédulas a ele. Eram uns turistas estrangeiros.

**RUI** (*Troçando*) – Ora turistas estrangeiros! Vocês têm medo de gente? E não fizeram nada?

**HILDEBRANDO** – Dr. Rui, era tanta gente rodeando o cego, que eu não tive coragem de mandar os homens pegar o velho. Tive medo de provocar um tumulto! Podiam até nos linchar!

**RUI** – Mas que homem medroso, minha Nossa Senhora! (*Pausa*). Bem espere! Vamos ver uma coisa! Deve haver nestes livros alguma coisa a respeito desse caso. (*Consulta uns livros da mesa, fazendo anotações. Depois levanta-se*). Hildebrando, tome este papel. Volte lá novamente onde está o cego. Leia esta ordem para ele... Esses turistas idiotas já devem ter ido embora. Mas ouça primeiro o que escrevi.

(*Lê alto e com imponência*) – “Sr. Lucas Aguiar: Colaborando com as determinações da Prefeitura desta cidade, no sentido de retirar das ruas todos os pedintes e mendigos, para maior beleza e higiene da cidade, assim como para evitar aglomeração que prejudique a ordem, convindo-o, por escrito, a acompanhar estes senhores até o Asilo de Velhos onde ficará residindo. O desrespeito a esta ordem significa que pedirei à Polícia para ir buscá-lo à força. Atenciosas saudações. Dr. Rui de Oliveira Fonseca, Diretor do “Asilo de Velhos”. (*Guarda o papel num envelope ofício e dá ao contínuo*) Tome, leia ao cego e o traga aqui com o menino. Dou-lhe quinze minutos para voltar.

**LÚCIA** (*Entrando*) – Com licença, Dr. Rui.

**RUI** – Pode entrar. Sente-se.

**LÚCIA** – Dr. Rui, falei ontem com o Lucas.

**RUI** – Sim? E que tal?

**LÚCIA** – Na minha opinião, é melhor deixar o homem mesmo nas ruas, tocando o violão dele.

**RUI** – Que me diz?

**LÚCIA** – O senhor já leu “ O pássaro cativo” de Olavo Bilac, não leu? – Pois assim é o Lucas. Se colocarmos esse homem no asilo, ele deixará de tocar, deixará de comer. (*Entusiasmada, procura convencer Rui, chegando a cadeira mais perto dele*). O homem não quer ficar no asilo como pássaro preso. Ele quer sentir o ar livre das ruas, o vozerio da multidão apressada, o aplauso dos ouvintes. Todos nós somos atores, Dr. Rui, para espectadores imaginários. O palco do Lucas é a rua, os espectadores são os transeuntes que lhe dão, não apenas esmola do dinheiro, lhe dão segurança, calor humano, admiração.

**RUI** – Deixe de literatura barata!

**LÚCIA** – Eu lhe digo, Dr. Rui. Deixemos o homem lá mesmo.

**RUI** – Você está louca? Que espécie de Assistente Social é você, que não aprendeu a respeitar ordens e a obedecer leis?

**LÚCIA** – Dr. Rui (*com insistência*) não seja trágico. Usemos o bom senso. Este caso está acima de ordens e leis. “O homem não foi feito para o sábado; o sábado é que foi feito para o homem”.

**RUI** (*Procurando controlar-se*) – Pare de me citar essas máximas de sábios antigos! Estamos numa era de progresso, de civilização, de desenvolvimento! A sociedade não admite mais sentimentalismos tolos e ridículos! Ela quer ver as cidades limpas, sem cegos, sem mendigos, sem ajuntamentos de curiosos, basbaques e marreteiros, enganadores do bolso alheio. Quando a sociedade quer divertir-se, vai ao cinema, ao teatro, ou liga o toca-discos e a televisão. (*Com ira crescente*) – Mas é isso mesmo. Quando as autoridades querem fazer algo de proveitoso para o bem público as pessoas mais instruídas e capazes, em vez de auxiliarem, prejudicam a obra com sentimentalismos pueris! (*Levanta-se no auge da ira*). E escute uma coisa, Lúcia: se você continuar desrespeitando minhas ordens, desobedecendo as minhas determinações, eu não a quero mais no Asilo.

**LÚCIA** (*Respira profundamente e fala com decisão, em pé*) – Dr. Rui, eu vou dizer-lhe uma coisa: eu é que me despeço. Tenho medo de ficar como o senhor, dura, embrutecida. Receio seu contágio. Tenho medo de tornar-me uma coisa, de deixar de ser gente, de deixar de ser pessoa humana. Neste momento mesmo, eu me despeço. Não faltará emprego para uma Assistente Social que seja humana. (*Retira-se. Rui anda pelo palco agitado*).

**HILDEBRANDO** (*Entrando, apressado*) – Com licença, Dr. Rui.

**RUI** – Então? (*Com ansiedade*) Trouxe o homem?

**HILDEBRANDO** (*Muito agitado, gagueja um pouco*) – Dr. Rui, o senhor não imagina. O caso do cego já está espalhado na cidade. Está um verdadeiro debate. Parece que ele foi até aos jornais. O que eu sei é que, quando chegamos lá com o carro do asilo, o pessoal, que estava ouvindo o cego, nos cercou. Disseram que, se a gente se achesse a tocar no homem, a gente apanhava. Era mais de dez homens querendo nos espancar. Minha Nossa Senhora, não quero nem lembrar! Enquanto isso, a mulherada nos vaiava: “Deixem o cego, covardes! Vão procurar trabalho!” E outras coisas. Antes que o negócio piorasse, entramos no carro e demos no pé.

**RUI** (*Gritando*) – Então, já é caso de Polícia. Vou já à Central.

(Luzes se apagam)

## IX QUADRO

(Luzes se acendem no lado B. Aparecem Lucas e o filho, cercados do Dr. Rui e de 4 policiais. Os transeuntes estão longe observando, atemorizados).

**RUI** – Está vendo o que queria, Lucas? Era isso, não? Celebridade, fama, nome nos jornais, no rádio, na TV. Seus capangas ameaçando quem tocasse em você. Era isso o

que você queria? (*Silêncio- pausa*). Quanto você tem ganho agora? Aumentou a renda não é? Deve estar faturando muito não? (*Pausa*) Responda-me.

**LUCAS** – Já fiz um apelo ao Prefeito, explicando o meu caso.

**RUI** (*Procurando falar com calma*) – O Prefeito me respondeu diretamente. Ele disse que, se você não quer vir para o asilo, se quer ficar livre na rua, pode ficar sentado, esmolando. Só não pode tocar para não causar ajuntamento. É o máximo que ele pode fazer por você.

**LUCAS** (*Com voz forte*) – Não me conformo com que o Prefeito disse. Não posso parar de tocar. Sou músico. Não é tanto pelo dinheiro que eu toco. Não sou mendigo. Sou um músico.

**RUI** (*Com ironia*) – Você é mesmo um músico... Você disse bem... Um músico. Bem... (*pausa*) Agora já sabe, Lucas. Eu lhe estou falando como amigo: você deverá escolher, ou fica no asilo, ou volta à rua, para mendigar, sem tocar. Decida: há vários policiais perto de nós.

**JULINHO** – Papai... (*Segura-se à mão do pai*). Eu... Eu não quero voltar para o internato. Eu quero ficar com o senhor.

**LUCAS** (*Agarra a mão do filho, depois solta-a e põe a mão no rosto*) – Não me conformo. Deixe eu pensar. (*Pausa longa*).

**RUI** (*Com energia*) – Então, o que resolveu?

**LUCAS** (*Fala com voz forte e decidida*) – Doutor, eu volto agora ao asilo... Mas, o senhor vai ter trabalho comigo de novo, porque eu vou fugir outra vez. Vamos, meu filho. (*Um policial o segura pelo braço. O outro quer dar a mão ao menino, que a recusa*).

**RUI** – Eu vou na frente. Sigam-me. (*Aos policiais*). Fiquem mais atrás.

**JULINHO** (*Pega a trouxinha do pai e a lata de dinheiro. Dá o violão ao pai e o segura pela mão*) – Vamos, papai.

(Luzes se apagam)

## X QUADRO

(*Luzes no lado B. Ouve-se a música do cego. Há uma placa: PALÁCIO DO GOVERNO, em frente a uma loja. Lucas, em pé, toca e canta, enquanto o filho o acompanha. Há certa aglomeração*).

**1º PASSANTE** (*Fala, em frente à cena, há alguém que está saindo da aglomeração*) – Que amontoado de gente é este?

**2º PASSANTE** – Não sei. Algum marreteiro.

**1º PASSANTE** – Marreteiro? Junto ao Palácio do Governo? Não pode ser. (*Surge alguém do grupo com um jornal aberto. Os dois o cercam, interrogando-o.*)

**OS DOIS PASSANTES** – Que é isso? Que negócio é este?

**O QUE LÊ O JORNAL** – Está aqui no jornal de hoje!

(*Lê alto e com ênfase*) – “Ceguinho musicista apela para o governador para continuar a tocar”.

(Luzes se apagam – ouve-se a música do cego)

**FIM**